

Ascensão e Queda do Nazismo

(texto para uso didático e guia de filmes para sala de aula)

João Sérgio Lauand¹

A Segunda Guerra Mundial durou mais de 5 anos na Europa, de setembro de 1939 a maio de 1945 e estima-se que tenha matado mais de 60 milhões de pessoas. O que levou os países a essa insanidade? Como foi possível que uma nação como a Alemanha fosse liderada por alguém como Adolf Hitler?

As respostas são muito complexas. Vamos tentar fazer aqui um brevíssimo resumo dos fatos e pessoas que levaram a isso. Para uma visão geral o tema, indicamos a série documental “Hitler e o Nazismo”, que está na Netflix.

Adolf Hitler

Nasceu em 20 de abril de 1889 em Braunau am Inn, na Áustria e se suicidou com um tiro, em 30 de abril de 1945, em seu bunker, em Berlim. Seus pais eram Klara, segundo alguns a única pessoa a quem Hitler realmente amou, e Alois, um funcionário de alfândega severo que surrava o filho com frequência.

O menino gostava de ler, era bastante imaginativo e não ia bem na escola, por ser pouco esforçado. A família não tinha recursos e ele sonhava em ser pintor, mas só conseguia pintar paisagens e não rostos. Mudou-se para Viena em 1907 e tentou a Escola de Belas Artes, mas foi reprovado o que lhe causou grande trauma. Especula-se que alguns membros da banca examinadora eram judeus, o que contribuiria para seu ódio. Ficou sem rumo, vivendo do que conseguia vendendo cópias de quadros.

¹. Doutor em Educação pela FEUSP.

Ambiente no início do século XX

A Áustria era nesse momento o centro de um império multirracial que englobava vários povos. Hitler detestava essa situação e se considerava alemão. A Alemanha era também um império, governado pelo Kaiser Guilherme II, uma potência industrial, a primeira economia da Europa.

Muitos professavam a ideologia do pangermanismo, considerando-se uma raça superior. Uma das suas características era um forte antissemitismo. Atribuíam aos judeus os problemas que tinham e os consideravam sabotadores da civilização.

Hitler era um deles. Vivia em um mundo de fantasia, gastava o que não tinha para ir à Ópera e ouvir Wagner e seus heróis, que se sacrificavam pela nação alemã.

Na primavera de 1913 se mudou para Munique para fugir do serviço militar austríaco. E aí acontece algo que vai dar sentido à sua vida: começa a I Grande Guerra.

I Grande Guerra

Muitos fatores levaram ao início da Guerra em 1914: alianças fracas entre os países, ambições imperialistas, orgulho nacional e militarismo.

Muitos se enganaram quanto à verdadeira realidade da guerra e a consideraram como uma espécie de aventura, da qual sentiam entusiasmo em participar.

Ninguém parece ter percebido o potencial mortífero de uma guerra tecnológica com metralhadoras, tanques, lança-chamas, gás venenoso e aviões.

Hitler se alistou e há uma foto em que aparece extasiado em meio a uma multidão, Mas no exército de Munique, não no multirracial austríaco. Foi por longo período mensageiro, teve a patente de cabo, recebeu uma condecoração e o final da guerra o pegou hospitalizado por um ferimento. Quando recebeu a notícia da rendição da Alemanha, em novembro de 1918, ficou absolutamente frustrado, pois lhes informavam que seus exércitos estavam vencendo.

Período entre Guerras

Com a derrota o Império foi extinto e começou em seu lugar uma democracia liberal, a República de Weimar. O partido principal era composto majoritariamente por socialistas e judeus. Um deles assinou pela Alemanha o armistício de Compiegne, na França, em um vagão de trem, o que sempre foi considerado uma traição pelos nacionalistas.

O Tratado de Versalhes, que se seguiu, foi pesado para a nação germânica. Foram considerados culpados pela guerra e receberam diversas sanções: perda de 13%

de seu território pré-guerra, vultosas reparações monetárias, desmilitarização, etc. O povo ficou indignado.

Hitler, como muitos, ficou furioso. Para ele, os militares não haviam perdido, a nação fora traída pelas lideranças esquerdistas e judias. Era preciso tornar a Alemanha grande de novo.

Com as cidades destruídas, a economia sem rumo, as consequências da guerra, o país virou um caos. Havia a ideia vaga de que a Revolução Russa estava ligada aos judeus. Tanto a esquerda como a direita alemãs promoviam a violência.

Hitler tinha nesse momento a função de ser olheiro do exército e se infiltrar em reuniões para obter informações. Um dia, em 1921, ele foi a uma reunião do Partido dos Trabalhadores Alemães. Lá ouviu protestos contra o governo central e defesa de uma separação dos bávaros de Munique em relação ao governo central. Em lugar de reportar isso aos seus chefes, ele se levantou e proferiu um discurso inflamado contra essa ideia. Demonstrou seus dotes raros de agitador de massas e explorador dos ressentimentos das pessoas. Os líderes ficaram impressionados com ele e o convidaram a participar das reuniões.

Em pouco tempo conseguiu assumir a liderança do partido. Nesse momento, excluiu os outros, tornou-se o único líder, declarou o partido não democrático e mudou seu nome para Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, conhecido como Partido Nazista. Muito parecido ao que faria mais tarde na Nação. Mudou o símbolo do partido que passou a ter a suástica, um emblema antigo ligado à fartura e à paz!

O Partido possuía um jornal, apelou fortemente aos sentidos com passeatas, marchas, bandeiras e canções. E foi ganhando espaço. Seu lema era tornar a Alemanha Grande de novo.

Com a proibição do militarismo, foram aparecendo os grupos paramilitares. Hitler criou as SA, Tropas de Assalto, um grupo organizado e truculento, comandado por um antigo militar, Ernst Rohm, extremamente violento. Agia nos territórios de outros grupos ou onde havia ideias diferentes e foi essencial para o crescimento do partido e instauração do medo e terror.

Em 1923 havia no país uma espécie de guerra civil, com enfrentamentos diários. Era ingovernável, com uma economia esfacelada pelas dívidas de guerra, emissão de moeda, inflação altíssima.

A prisão de Hitler

Em 8 de novembro de 1923 o governo bávaro convocou um comício contra o governo central, em uma cervejaria de Munique. Estavam presentes vários de seus membros. Hitler compareceu com seus aliados, subiu em uma cadeira, deu um tiro para o alto e declarou extinto o governo bávaro. No dia seguinte marchou pela cidade com 2 mil correligionários, mas encontraram um cordão policial, houve tiroteio, que resultou

na morte de 16 nazistas, quatro policiais e um transeunte. Hitler acabou preso no que ficou conhecido como o Putsch da Cervejaria.

Um dos que se feriu foi Hermann Göring, um veterano da I Guerra, aviador condecorado, aliado de Hitler desde os inícios e seu braço direito. Devido à dor dos ferimentos recebeu morfina e acabou ficando viciado nesse fármaco.

Durante o julgamento de Hitler permitiram que falasse e ele se apresentou como um defensor da grandeza da nação. Convenceu a todos e lhe aplicaram a pena mínima de 5 anos com possibilidade de condicional em 6 meses. Ele foi muito bem tratado na prisão, onde recebia muitos presentes de simpatizantes.

Em seu período como líder público exerceu um enorme fascínio sobre as mulheres, havia cenas de histeria quando o viam e votavam nele em massa. Muitos pensam que essa admiração começou nesse momento.

Um dos que estava preso com ele era Rudolf Hess, que havia estudado na Universidade de Munique e lhe apresentou o conceito de *Lebensraum*, Espaço Vital, que Hitler interpretou à sua maneira, como necessidade de expandir territorialmente a Alemanha para o leste e extinguir os que ele julgava sub-humanos. Com o auxílio de Hess escreveu “*Mein Kampf*”, “Minha Luta”, onde expôs suas ideias e projetos.

Esses eventos tiveram entre outras duas consequências. Hitler se tornou internacionalmente conhecido, devido à cobertura da imprensa mundial. E se convenceu de que, se quisesse assumir o poder teria que ser por meios legais e não por um golpe.

Tomada do Poder

Em dezembro de 1924 ele obtém a liberdade condicional. A situação é menos favorável para os nazistas nesse momento. O período de 24 a 29 é considerado a Época de Ouro da República de Weimar. Para uma parte da população, nas grandes cidades, a vida volta à normalidade. Mas muitos ainda desconfiam da nova democracia e fora de Berlim, nos campos, muitos se sentem esquecidos pelos homens do poder. Hitler teve a habilidade de explorar isso. Sua estratégia era usar a violência, conquistar o voto dos desiludidos e explorar uma propaganda muito bem organizada.

Para isso contou com a colaboração de Joseph Goebels, um mestre na arte de enganar pela propaganda. Este criou para o Partido a imagem de ativismo incessante quando havia queixas de inoperância por parte do governo. Era tão inescrupuloso que o próprio círculo de Hitler não gostava dele. Quando os adversários os criticavam, ele não se importava: “o principal é que estão falando de nós!”

Criou também uma imagem para Hitler: o futuro líder da Alemanha, o Salvador da Nação Alemã. Ensaçou com ele gestos e a coreografia dos discursos. Costumava se atrasar para iniciar suas falas para criar expectativa, ao se apresentar ficava uns instantes em silêncio e depois começava a falar lentamente, aumentando a seguir o ritmo até atingir o clímax.

Apesar de tudo, o Partido só contava com 3% dos eleitores em 1928. Aí veio outro evento salvador para Hitler e os nazistas: a quebra da Bolsa de Nova York em 1929. A frágil recuperação alemã era financiada pelos empréstimos de bancos americanos, que agora tiveram que se retirar.

Com essa deterioração sua votação subiu para 18% em 1930, apoiada nos jovens e nas mulheres sobre quem, como já foi dito, Hitler exercia um fascínio especial.

Goebels e o Partido se esforçaram por criar uma imagem de seu líder como dedicado totalmente à Nação, sem lugar para uma companheira. Apesar disso, surgiram em 1931, rumores sobre o relacionamento de Hitler com sua sobrinha Geli Raubal. Eles moravam juntos e, ao que parece, o tio exercia uma dominação muito forte sobre a moça, dezenove anos mais jovem do que ele. Ela acabou se suicidando, utilizando a pistola de Hitler.

Pela constituição alemã da época, o Presidente era escolhido pelo voto popular, e tinha poderes representativos e a função de indicar o chanceler, que era o chefe de governo. Em 1932 Hitler se candidatou a presidente concorrendo com Paul von Hindenburg, que acabou eleito com 53% dos votos, enquanto o Partido Nazista teve 37% para o Parlamento, o mais votado. Este era um aristocrata e militar que comandou o Exército Imperial Alemão durante a Primeira Guerra Mundial e não suportava Hitler. Havia nesse momento muita instabilidade e polarização e os três chanceleres indicados no ano de 32 não conseguiram formar um governo. No início do ano seguinte Hindenburg pediu a Franz von Papen, um político da direita moderada, que o fizesse. Este não queria acordo com a esquerda, mas temia a direita radical. Sua ideia foi colocar Hitler no poder e subjugar-lo. Este não aceitou fazer parte da coalizão, se não fosse o chanceler. Von Papen e Hindenburg acabaram por aceitar muito relutantemente, pensando tê-lo à sua mercê. Foi um erro fatal. Em 30 de janeiro de 1933 Hitler tomou posse como chanceler, como era seu plano, de onde tinha certeza que não sairia, a não ser pela morte.

Primeiros anos

No júbilo da posse as tropas da SS desfilaram por Berlim. Criados em 1925, dentro das SA, os Esquadrões de Proteção tornaram-se um verdadeiro estado dentro do estado na Alemanha, composta por homens que se viam como a "elite racial" do futuro nazista. Hitler designou para o seu comando Heinrich Himmler, outro de seus fiéis colaboradores. Nesse momento ela já contava com 52 mil membros.

Uma das primeiras providências dos nazistas no poder foi eliminar a oposição. Para isso contaram com as SA. A ideia era gerar tumulto, um clima de violência e insegurança, e a seguir eliminar as oposições para garantir a lei e a ordem.

Em 27 de fevereiro de 1933, em circunstâncias não muito claras, o Parlamento alemão sofreu um incêndio. Foi encontrado nos arredores um rapaz holandês, anarquista, que foi acusado de ser o autor. Rapidamente o governo se aproveitou disso

para suspender as liberdades civis, o direito de expressão e reunião. Era o primeiro passo para estabelecer uma ditadura. Pouco depois Hitler forçou o Parlamento a votar a sua autoextinção, o que foi aprovado em meio a bastante violência.

Com a suspensão dos direitos o número de detidos era de milhares de pessoas e já não havia lugar nas prisões. Foi criado então o primeiro Campo de Concentração em Dachau, nos arredores de Munique. Nesse momento os presos não eram ainda especialmente os judeus, mas os comunistas, socialistas e todos os que se opusessem ao governo.

Desempenham um papel muito importante as SS, criadas para proteção dos membros do Partido, mas que agora eram uma burocracia poderosa que controlava todas as suas organizações de perseguição. É curioso notar que os principais membros do Partido, Hitler, Göring, Goebels e Himmler, não possuem os traços básicos do ariano puro, atlético e esbelto, difundido pela propaganda.

Esta quer fazer crer que os Campos representam um processo de reeducação temporário. Na verdade, poucos saíram vivos deles.

Em abril de 1934 há um primeiro ataque aos judeus. O governo pede que os comércios e empresas ligados a eles sejam boicotados. Picham suas fachadas. O povo em geral se surpreende com algo tão estranho e violento e não segue as orientações do governo.

Nessa altura cria-se uma crise entre a poderosa SA e o Exército regular. Com a eliminação de muitos opositores as SA, que já contavam com uns três milhões de membros, questionavam qual era seu papel e queriam ter as atribuições do Exército. Este, limitado pelo tratado de Versalhes a cem mil pessoas, se opôs. Hitler já contava com a guerra futura e preferia ter um grupo profissional a outro composto por arruaceiros. Era preciso eliminar os líderes das SA em Berlim e Munique, o que foi feito em 30 de junho de 1934 naquela que ficou conhecida como Noite das Facas Longas. Além desses líderes aproveitaram para eliminar outros desafetos políticos, num total de cerca de cem pessoas mortas. Uma das acusações contra Rohm, que sempre foi muito fiel a Hitler, foi a de degeneração, por ser homossexual. Hitler sempre soube disso e nunca se importou. O importante para ele não era tanto a lealdade que lhe dedicavam, mas antes a sobrevivência de suas ideias e de seu grupo.

Em 1934 chegou a Berlim um jornalista americano que teria um papel importante na documentação do período, William L. Shirer. Veio como correspondente para informar sobre o que acontecia na Alemanha. Suas notas resultaram em um diário sobre o período e no livro “Ascensão e Queda do Terceiro Reich”. Os nazistas consideravam primeiro o Sacro Império Romano Germânico, que durou mais ou menos de 962 a 1806; segundo, o de Guilherme II, no Século XIX até a I Guerra, e agora surgia o terceiro. Ao chegar à estação de trem foi recebido por dois oficiais da Gestapo, a Polícia Secreta do Estado, criada no ano anterior como um dos braços de Göring e Himmler. Foi um aviso de que estava sob observação. Um dia Shirer viu Hitler passar pela rua em um carro aberto. Esperava ver uma pessoa de compleição mais robusta, e não com o aspecto comum que percebeu. Mas era aclamado pelo povo como Messias.

Parecia uma loucura coletiva. Deu-se conta de como os governos dos países vizinhos o subestimaram.

Chegou a tempo de assistir ao grande comício de setembro de 34 em Nuremberg, retratado no filme “O Triunfo da Vontade” de Leni Riefenstahl. Essa cidade tinha uma importância simbólica para os nazistas por ser um relevante centro medieval do Sacro Império, onde os Imperadores foram escolhidos muitas vezes. Os comícios de setembro foram massivos e impressionaram por sua grandiosidade e organização.

Shirer ficou muito assustado com o que viu. Percebeu o que estava acontecendo: lenta e gradualmente o país estava se transformando em uma ditadura e preparando-se para a guerra. Comentou com os seus que isso poderia acontecer em qualquer lugar e que era necessária muita vigilância para prevenir essa situação. Antevia o que aconteceria e que não seria o resultado somente da ação de pessoas más, mas o que pode vir quando um grupo de maus manipula um grande número de pessoas comuns. Alguns anos depois do final da Guerra, Hannah Arendt assistiu ao julgamento de Adolf Eichmann em Jerusalém. Criou o conceito de banalidade do mal, que é a ideia de que pessoas comuns — e não necessariamente más — podem ser levadas, pelas circunstâncias, a incorporar ações muito graves à sua rotina.

Em agosto desse ano morreu o presidente Hindenburg. Deveria haver eleições, mas nunca foram realizadas: Hitler assumiu o posto, declarou-se Führer e projetou um Reich de mil anos. Falou bastante de Paz enquanto se preparava para uma Guerra.

Os anos 30

Um dos lugares onde Hitler gostava de ficar era o Ninho da Águia, Kehlsteinhaus, um edifício construído pelos nazistas, perto da cidade alemã de Berchtesgaden, próxima a Munique. Era utilizado exclusivamente por membros do Partido Nazista para reuniões sociais e de governo. Chegava a passar semanas lá, onde se sentia à vontade, próximo da Natureza, com uma vista magnífica.

Uma das que frequentavam esse lugar era Eva Braun, companheira de Hitler. Ela era auxiliar do fotógrafo de Hitler, e provavelmente foi assim que se conheceram. Nascera em 1912, sendo 23 anos mais jovem que Hitler. É curioso que tenham se aproximado pois ela fazia mais a típica moça “melindrosa” da época. Conservam-se muitas fotos e filmagens feitas por ela nesse local. Quem também estava sempre no Ninho da Águia era Blondi, o cão de Hitler.

O Führer não era um exemplo de dedicação às tarefas. Não se dedicava muito ao que não achasse interessante. Criou um sistema de liderança, em que os subordinados deveriam adivinhar o que seu chefe queria. Transmitia ideias amorfas e abstratas e esperava que lhe trouxessem planos. Esse processo contribuía para a radicalização no intuito de agradar a Hitler.

Desde cedo, os nazistas pensaram que deveriam controlar o pensamento, a informação e a cultura do povo. Em maio de 33 houve uma grande queima de livros, seguida por várias outras. Deram a esse processo o nome de Gleichschaltung, Coordenação, que, na prática consistia em nazificar toda a cultura e organizações.

Pertencer ao Partido abria oportunidades e muitos aderiram por esse motivo. Também dava a ideia de pertencimento à comunidade. As saudações deixaram de ser o “bom dia” habitual para ser o “Heil Hitler” com o aceno correspondente.

Todas as organizações deveriam demonstrar a lealdade ao Partido. Tinham especial interesse na cooptação dos jovens e para isso criou-se a “Juventude Hitlerista”, que com o tempo passou a ser obrigatória.

Havia nessa época, em vários países, a noção de eugenia, ou pureza da raça. Nos Estados Unidos havia leis de segregação racial, as leis Jim Crow, e cotas de imigração. Os nazistas se inspiraram nelas para criar as suas. Já houvera vários atos e leis que atingiam os judeus e em setembro de 35 foi criado um código para eles. Muitos pensaram que isso seria bom pois, ao menos, deixaria clara sua situação. Mas a discriminação era tanta que não foi assim.

De modo geral, o povo apoiava o governo nazista pois em meio à Depressão que atingia vários países, a Alemanha estava relativamente bem. Dos milhares de desempregados do passado passou-se ao pleno emprego. Muitos foram trabalhar na construção de rodovias, aproveitando planos dos governos anteriores. Outros na fabricação de armamentos e o serviço militar tornou-se obrigatório, o que também ocupou muitos. Não era difícil ouvir o comentário: “que bom que não somos uma democracia! ”.

Em 1936, com o país “controlado e pacificado” as atenções do governo poderiam se voltar melhor para a política exterior. Nesse ano Hitler teve um revés que lhe causou grande fúria. Os Jogos Olímpicos foram realizados em Berlim e, apesar de Hitler não se importar com os esportes, para os nazistas seria a grande oportunidade de mostrar ao mundo um país feliz, de ampla liberdade e a superioridade da raça ariana. Foram retirados todos os sinais de discriminação que havia no país e receberam bem os visitantes. Os atletas alemães até se saíram bem em várias modalidades, mas o grande astro, que ganhou muitas medalhas e venceu a prova principal, os cem metros rasos, de quem toda a imprensa falou, foi Jesse Owens, um negro americano.

Algumas personalidades foram enganadas pelos nazistas como o aviador Charles Lindbergh. O jornalista William Shirer escreveu artigos chamando-os de ingênuos e foi muito atacado pela mídia nazista.

Uma nota triste é que enquanto a propaganda do governo falava de paz, liberdade e direitos, Himmler começou a construção de novos campos de concentração como o de Sachsenhausen. Já era uma segunda geração, mas ainda não eram destinados aos judeus. Seu alvo eram os antissociais, pequenos delinquentes, opositores, gays. Uma das ideias era aproveitar a força de trabalho gratuita dos prisioneiros. E também contribuir para a *Volksgemeinschaft*, Comunidade Popular ou Nacional, o conceito

nazista central que buscava unir todos os alemães "arianos" em uma comunidade racial homogênea, excluindo judeus, marxistas e "inimigos".

O antissemitismo

Desde o princípio o regime nazista estimulou o ódio contra os judeus, e os perseguiu. A violência ia crescendo de ano para ano. De onde procedia esse ódio?

Os antigos povos hebreus, submetidos ao Império Romano, sofreram uma diáspora, uma dispersão pelo mundo com a invasão de suas terras na segunda metade do século I d.C.

Sem terras e dispersando-se pelo Ocidente, os judeus fundaram em sua religião e sua origem étnica uma espécie de sentimento nacional de pertencimento patriótico para preservar a sua tradição e origem. Por isso, os judeus costumam denominar-se assim antes de expressarem o seu país de origem, como judeus brasileiros ou judeus alemães. Muitos são ateus, e não comungam a crença na religião judaica, nem acreditam em Deus, mas encontram no judaísmo a sua origem étnica.

Nos diversos relacionamentos entre cristãos, muçulmanos e judeus, os pertencentes a religiões monoteístas, ao longo do tempo, houve momentos de convivência pacífica e outros de perseguições mútuas.

Justamente por não terem um território, os judeus que se dispersaram pela Europa fugindo das perseguições não viveram da agricultura como era comum entre os povos medievais. A sua subsistência era retirada do comércio, o que lhes permitiu acumular dinheiro ao longo do período medieval, sendo que a prática da usura (obtenção de lucro por meio do empréstimo), condenada pela Igreja Católica até o século XVII, era comum entre eles. Também muitos judeus promoviam atividades de crédito e bancárias.

A ascensão financeira dos judeus por meio da usura e dos bancos despertou a raiva dos europeus que, muitas vezes, passaram a hostilizá-los, criando um estereótipo de que eram avaros, ardilosos, hostis e conspiradores. A partir do século XVII, então, cria-se o antissemitismo moderno, que ficou representado inclusive na peça *O mercador de Veneza*, de Shakespeare, que evidencia a perseguição sofrida por um mercador judeu pela população.

No século XIX, o antissemitismo era comum em nações europeias, em especial na Alemanha. Havia um movimento alemão antissemita, que culpava os judeus pela miséria da população.

Em finais de 38 houve um fato que desencadeou um avanço notável nessa perseguição: Ernst vom Rath, um diplomata alemão sediado em Paris foi morto por um judeu. O regime reagiu imediatamente incentivando a população à violência contra as pessoas, ataque às lojas e propriedades e queima das sinagogas. Os eventos de 9 de novembro ficaram conhecidos como “Noite dos Cristais” pela quantidade de vidro quebrado que se espalhou pelas ruas. Houve pilhagens, agressões, dezenas de mortos e

o governo não fez nada para impedir isso, alegando falsamente tratar-se de reação popular espontânea.

Nessa época ainda havia na Alemanha uma grande população judaica. Ninguém parecia acreditar que a situação iria piorar muito, que seriam capazes de tantos horrores. Por outro lado, não era fácil deixar o país. O navio St. Louis que se dirigiu a Cuba com centenas de refugiados não obteve o prometido visto de entrada, o que também foi negado nos Estados Unidos e teve que retornar à Alemanha.

Preparativos para a Guerra

Em 1936 foi estabelecido o “Plano de Quatro Anos”, que deveria preparar o povo para a Guerra.

Hitler não dava importância à burocracia e aos métodos de governo. Achava que deveria se ocupar das grandes questões. Era incapaz de ter amizades verdadeiras. Talvez quem chegou mais perto disso, de ser seu amigo, foi Albert Speer. Era um arquiteto jovem, bem-apessoado, de família rica, bem articulado, que o idolatrava. Como Hitler teria gostado de ser arquiteto, deve ter se sentido mentor do jovem. Fizeram grandes planos para a Berlim futura, que seria algo como uma Capital do mundo, com um Arco do Triunfo maior que o de Paris, uma Cúpula maior que a do Vaticano. O Führer se considerava um Homem do Destino, que levaria isso a cabo.

Começam então o que se chamou as “surpresas de março”. Uma das imposições do Tratado de Versalhes foi que a margem direita do Reno, a Renânia, a larga faixa que separa a Alemanha da França, não poderia ter tropas. Em março de 36 Hitler faz um discurso enquanto seus destacamentos avançam por essa região. Nem a França nem a Grã-Bretanha tiveram qualquer reação, o que Hitler considerou como um sinal de fraqueza. Talvez usassem como desculpa o pensamento de que o Tratado de Versalhes tinha sido muito duro com os alemães.

Já pensando na Guerra que viria, o governo alemão considerou quem poderia ser seu aliado. O candidato natural era o italiano Benito Mussolini, líder desde 1922 do fascismo, que tinha muitas identificações com o nazismo. Hitler o convidou para vir à Alemanha, onde foi muito bem recebido. Ficou bastante impressionado com o poderio do Exército alemão. O campo estava semeado.

Chegou a vez da Áustria, que Hitler sempre considerou parte do Império alemão e absurda a separação das duas nações. Já havia lá um governo pró-nazistas e seu chanceler foi convocado para vir à Alemanha para conversas. Foi humilhado e tratado como um moleque. Hitler exigiu que ele pusesse nazistas em todos os cargos relevantes. Schuschnigg conseguiu consentimento para propor um plebiscito aos austríacos, mas em março de 38 as tropas alemãs atravessaram a fronteira e foram recebidas com júbilo pelo povo. Nenhum tiro foi disparado. Estava feita a *Anchluss*, Anexação. Logo a seguir o Führer passou pela cidade onde nascera, por Linz, onde passou a juventude, e chegou

a Viena, sendo recebido com festa. Foi talvez sua maior vitória. Começava o pesadelo dos judeus e de muitos outros na Áustria.

Diante de uma reclamação de um de seus comandantes e da previsão de algumas dificuldades econômicas, Hitler conduz uma reunião em 5 de novembro de 37, que ficou registrada em uma Ata conhecida como Memorando Hossbach. É uma exposição de planos e ao mesmo tempo um testamento do que ele esperava de seus colaboradores mais próximos. Fica muito clara sua intenção de guerrear para atingir seus objetivos e resolver problemas econômicos.

Atendendo à sua ideia de *Lebensraum*, o espaço vital necessário para os alemães a Leste, e com a desculpa de reunir todos os alemães sob o império, ele propõe a anexação dos Sudetos. Essa região pertencente à Tchecoslováquia abrigava cerca de 3 milhões de pessoas de origem germânica. Com a crise que se forma é marcada uma reunião em Munique em setembro de 38 reunindo os primeiros ministros inglês e francês, Chamberlain e Daladier, Mussolini e Hitler. Não estão presentes nenhum representante tcheco nem Stalin. Chamberlain tinha uma política de aceitar as imposições dos alemães para evitar a Guerra. Era muito criticado por Churchill que defendia que as concessões seriam inúteis e era melhor se opor a Hitler o quanto antes, mesmo que isso levasse ao confronto. Com o Acordo assinado, e a entrega de território tcheco sem nenhum representante seu, Chamberlain voltou à Inglaterra como herói, por ter conseguido a paz. Logo se revelaria o erro de cálculo. Há um bom filme sobre esse episódio: “Munique – No limite da Guerra” (2021).

Outro dos motivos pelos quais os tchecos não queriam entregar os Sudetos é porque eram uma proteção natural contra o avanço alemão. E tinham razão: pouco depois, em 15 de março de 39 o país foi invadido. Era o primeiro de população não alemã.

Os poloneses ficaram inquietos, prevendo que seriam os próximos. Com um governo de militares, começaram a se preparar para a Guerra, sem negociações. A França e Grã-Bretanha avisaram os alemães de que uma nova invasão seria uma declaração de Guerra.

Quem também não estava nada contente era Stalin, que não tinha sido chamado a Munique. Tentou entrar em contato com Hitler. Seu ministro de relações exteriores era Vyacheslav Molotov, um político tarimbado. Seu colega em Berlim era Joachim von Ribbentrop, na visão de alguns um dos muitos medíocres que ocupavam postos de poder no governo nazista, um antigo comerciante de champanhe. Das negociações surgiu em agosto de 39 o surpreendente Tratado de Não Agressão entre os dois países. Foi inesperado pois sabia-se que Hitler nutria profundo desprezo pelos soviéticos e seu regime.

O Início da Guerra

As condições estavam postas para a invasão da Polônia. Em mais uma tática sinistra, que revelava sua mentalidade, os nazistas simularam uma invasão de seu território por soldados poloneses. Tratava-se na verdade de prisioneiros, que foram camuflados, e mortos. No dia 1 de setembro as tropas alemãs invadiram a Polônia, com um ataque rápido e eficaz. A diferença de armamento era notória, com os poloneses sem artilharia. Ao mesmo tempo, os soviéticos invadiam pelo leste. Em dezoito dias a Polônia deixou de existir. Como foi revelado depois, os tratados já tinham previsto a divisão das terras conquistadas. Quando ao final da Guerra Ribbentrop é interrogado no Tribunal de Nuremberg se havia uma cláusula de divisão da Polônia no tratado com os soviéticos ele responde que sim. E diz que se alemães estavam sendo julgados por Crimes contra a Paz, soviéticos também deveriam ser. Causou um forte constrangimento. Como sempre, as leis e os tribunais são constituídos pelos vencedores.

Surgem nesse momento os *Einsatzgruppen*, Grupos de intervenção, que foram esquadrões da morte móveis da SS, operando na Europa ocupada, principalmente na Frente Leste, entre 1941 e 1943. Foram responsáveis pelo extermínio sistemático, mataram mais de um milhão de judeus, além de ciganos, deficientes e opositores, sendo fundamentais na implementação do Holocausto. Estavam sob as ordens de Himmler que via cada vez mais aumentar o seu poder sobre a vida e a morte das pessoas. A Polônia tinha a maior população judaica da Europa. O que fazer com ela? Uma das ideias foi confiná-la em guetos, lugares que se tornaram superpopulosos, sem as mínimas condições de vida e moradia. Chegaram muitos de todo o país e deviam portar um símbolo indicando sua origem judia.

Para Hitler a Guerra era fundamental, ele a considerava o motor da História. Nos primeiros meses não houve nada de especial além de poucas batalhas. Os dois lados esperavam, no que se chamou a *Sitzkrieg*, Guerra “sentada”, não para valer. Em maio de 1940, os alemães avançam sobre a Bélgica, Holanda e França. Hitler queria atacar a União Soviética, mas para isso deveria ter avanços no Ocidente para não ter a Guerra em duas Frentes. Outra de suas ideias foi dominar o litoral da Espanha ao Polo, para isolar a Inglaterra. Ao atingir o Canal da Mancha os exércitos alemães acabaram deixando uma grande quantidade de soldados britânicos e alguns franceses isolados no Continente, entre a Bélgica e a França. Tinham acesso ao porto de Dunquerque mas seus navios tinham sido afundados. As tropas alemãs estavam cansadas, sem munição nem combustível para atacá-los. Montou-se então uma operação com todos os barcos possíveis, muitos particulares, para resgatá-los. Há um bom filme sobre esse episódio: “Dunkirk” (2017).

Os soldados alemães chegaram a Paris em 14 de junho e prepararam a cidade para a vinda de Hitler, que se deu no dia 22. Juntamente com Albert Speer, o Führer percorreu a cidade e admirou sua arquitetura. No final do dia dirigiu-se a Compiègne, onde os franceses assinaram um armistício no mesmo local e no mesmo vagão de trem, onde os alemães haviam feito o mesmo em 1919. Hitler afirmou que não era uma vingança, mas a correção de um erro histórico. A França ficava dividida: o Norte

ocupado pelos alemães e o Sul sob o comando do governo colaboracionista do Gen. Pétain, com sede em Vichy.

Seus olhos se voltariam agora para a Inglaterra. Após a queda da França, Hitler buscava destruir a RAF, a aviação britânica, para garantir a superioridade aérea e viabilizar a invasão anfíbia. O chefe da Força Aérea, Göring, assegurou ao Führer que venceriam a luta que ia se travar e ficou conhecida como Batalha da Inglaterra. Durou de junho a outubro e foi a primeira grande campanha militar travada exclusivamente no ar. Inicialmente, a Luftwaffe atacou comboios navais e portos, passando depois para aeródromos e instalações de radar da RAF. Em agosto de 1940, os alemães mudaram o foco para bombardear Londres e outras cidades (o “Blitz”), permitindo que a RAF se recuperasse de ataques anteriores. Foi um momento muito duro para os ingleses, com bombardeios diários e cidades destruídas. Mas a RAF defendeu o Reino Unido contra a *Luftwaffe* alemã, impedindo a invasão nazista. Foi um ponto de virada crucial, onde a tecnologia de radar, caças Spitfire e Hurricane e a determinação britânica superaram os ataques alemães. Hitler teve que adiar indefinidamente a invasão da Grã-Bretanha, marcando a sua primeira derrota significativa. A batalha consolidou a liderança de Winston Churchill e manteve o Reino Unido como base para a contraofensiva aliada.

A economia alemã se sustentava nesse momento através de empréstimos e impressão de moeda. Para uma estabilização era necessário, como já estava nos planos, saquear, roubar e se aproveitar de mão de obra barata, trabalho escravo. Os líderes em cada região sabiam bem disso, como Hans Franck, na Polônia. Para os nazistas, os povos do Leste eram inferiores, cidadãos de segunda classe e poderiam ser escravizados. Tiveram essa condição mais de doze milhões de pessoas na Europa. Muitas empresas alemãs foram beneficiadas, como Mercedes Benz, Bosch, Hugo Boss e Volkswagen.

No final de 1940 apareceram algumas tensões com a União Soviética. Desde que Ribbentrop fora à Rússia os alemães queriam que Molotov viesse a Berlim. Os soviéticos haviam invadido o Báltico e os Balcãs e Hitler ficou incomodado. Por sua vez, os soviéticos não entendiam porque havia tropas alemãs na Finlândia. Molotov veio para reuniões e os alemães tentaram convencê-lo de que a Guerra no Ocidente Europeu seria vencida em breve. Numa dessas ocasiões tiveram que se retirar para um bunker, devido a bombardeios. Molotov perguntou: “Se essa Guerra vai acabar logo, por que estamos em um bunker? ”.

Hitler tomou a decisão de invadir a União Soviética. Sempre foi essa sua ideia e agora era só questão de definir quando. Em 6 de abril de 1941 foi deflagrada a Operação Barbarossa, em homenagem ao grande imperador germânico Frederico I, do Século XII. Participaram toda a máquina de guerra alemã e 3 milhões de soldados, contra 2,5 milhões dos soviéticos. Foi a maior operação militar da História. Hitler quis acompanhar essa operação da Toca do Lobo, *Wolfsschanze*, um quartel-general isolado, inóspito, com muitos abrigos, localizado na atual Polônia. Construído em 1941 para a invasão da União Soviética, o complexo camuflado abrigou o Führer por cerca de 800 dias e foi palco do fracassado atentado contra sua vida em 20 de julho de 1944.

A guerra era impiedosa e Hitler pensou que seria muito breve com a derrota dos russos em pouco tempo. Foi um grande erro!

Entrada dos americanos na Guerra e a Frente Russa

Em 7 de dezembro de 1941, sem nenhuma declaração de Guerra, os japoneses atacaram a Frota Naval Americana estabelecida em Pearl Harbor, no Havaí. Todos os oito navios de guerra da Marinha Americana foram danificados, com quatro afundados. Os japoneses também afundaram ou danificaram três cruzadores, três contratorpedeiros, um navio de treinamento antiaéreo e um lançador de minas navais. 188 aviões dos Estados Unidos foram destruídos; 2403 americanos foram mortos e 1178 outros ficaram feridos. Roosevelt declarou Guerra ao Japão. Há vários bons filmes sobre esse episódio, por ex., “Pearl Harbor” (2001).

Hitler não esperou a iniciativa americana: antecipou-se na declaração de Guerra. Sabia que esse momento chegaria. Em seu conjunto de ideias Rússia e Estados Unidos eram o coração do judaísmo global, as duas faces do mesmo foco de conspiração judaica, a marxista e a capitalista. Em sua visão doentia ambos deveriam ser eliminados. Deixou claro a seus generais que se tratava de guerras de extermínio.

Por sua vez, Stalin não acreditou nas dezenas de relatórios que lhe indicavam que a invasão alemã era iminente. E veio a Operação Barbarossa com características genocidas de matar o maior número de pessoas e transformar os sobreviventes em camponeses incultos e servidores do regime nazista.

Hitler tinha três frentes: Leningrado, Bielorrússia e Moscou, e Ucrânia e Mar Negro. Houve inúmeras baixas de ambos os lados. Pelo lado soviético o sistema “moedor de carne” de Stalin, lançar o número necessário de soldados para a luta, sem se importar com o resultado. Para os alemães tratava-se de muito território, com extensões enormes, estradas ruins, onde os equipamentos de guerra não conseguiam avançar. E chegou setembro, com os alemães pensando: primeiro a lama e agora o inverno. Iam se repetir as campanhas napoleônicas! E o inverno de 41 foi um dos mais frios da história. Foi quando a situação se inverteu e em dezembro começou o contra-ataque.

Em novembro, os exércitos alemães não conseguiram chegar a Moscou e tiveram que recuar cem quilômetros. O contingente de um milhão ficou encurralado e acabou perecendo. Os generais levaram a Hitler uma proposta de recuar para reduzir as frentes de batalha, mas o Führer não aceitou. Chamou-os de covardes e traidores. Demitiu vários e se declarou Comandante Supremo dos Exércitos. Em seu depoimento perante o Tribunal de Nuremberg ao final da Guerra. O Marechal de Campo alemão Erich von Manstein declarou que no início do confronto a Alemanha tinha dezessete oficiais da mesma patente que a sua, todos muito qualificados: ao final só restou um, sendo todos dispensados porque Hitler não confiava neles.

Durante todo o tempo, ao menos dois terços das forças alemãs estavam na Frente Oriental. Além da duas frentes de Guerra, os nazistas tiveram sempre outro objetivo:

eliminar os judeus. Chama a atenção que os componentes dos *Einsatzgruppen* não eram das classes menos instruídas, mas em geral, pessoas com curso superior. Em setembro de 41, ao se retirar de Kiev, o Exército Vermelho deixou bombas com temporizadores, para atingir os alemães. Estes, não podendo retaliar os soviéticos, investiram sua fúria contra os civis, matando dezenas de milhares. Um dos chefes era Otto Ohlendorf, um intelectual e economista brilhante, que acabou condenado à morte ao final da Guerra. Outro foi Reinhard Heydrich, que trabalhava diretamente com Himmler. Foi o grande mentor do Holocausto e acabou falecendo em um atentado, em Praga, em maio de 42.

Por discrição e precaução as ordens de eliminação eram, em geral verbais, e nunca escritas. Os nazistas perceberam que utilizar armas de fogo era relativamente dispendioso e lento. Pensavam como aprimorar seu nefasto processo. Heydrich e seu oficial Adolf Eichmann tiveram a ideia de reunir os altos oficiais e sondá-los sobre uma ajuda em seus propósitos. Reuniram muitos em uma linda mansão nas margens do Lago Wannsee, nos arredores de Berlim, em 20 de janeiro de 1942. Serviram um excelente Buffet, com bons vinhos e conhaques e, usando toda a cautela nas palavras, sondaram os presentes sobre a ajuda para implementar o que se chamou Solução Final, que era a aniquilação dos judeus da Europa. Os que estavam ali eram os responsáveis pelas finanças, transportes, comunicação, etc. Houve um regozijo e anseio por ajudar que surpreendeu Heydrich e Eichmann. Há um bom filme sobre esse episódio: A Conferência (2022).

A partir desse momento o processo se intensificou com Campos mais modernos e sofisticados, a organização de transporte por trens, etc. Em novembro de 1945, durante o julgamento em Nuremberg, foi exibido um filme com cenas dos Campos: foi um choque tremendo ver as cenas de tanta barbárie.

O Começo do Fim

Muitos consideram que houve duas batalhas decisivas para a vitória dos Aliados na Guerra: a de Midway, no Pacífico, em junho de 42 e a de Stalingrado de agosto de 42 a fevereiro de 43.

Um dos principais objetivos do Japão durante a Segunda Guerra Mundial era eliminar os Estados Unidos como potência do Pacífico, a fim de conquistar território no leste da Ásia e nas ilhas do sudoeste do Pacífico. O Japão esperava derrotar a Frota do Pacífico dos EUA e usar Midway como base para atacar Pearl Harbor, garantindo o domínio na região e, em seguida, forçando uma paz negociada. Em um acirrado combate com aviões e navios os americanos acabaram por prevalecer, e essa vitória crucial interrompeu o crescimento do Japão no Pacífico e colocou os Estados Unidos em posição de começar a reduzir o império japonês por meio de uma série de invasões que se estenderiam por anos, com a conquista de várias ilhas, e diversas batalhas navais ainda maiores. Há um bom filme sobre esse episódio: “Midway – Batalha em Alto Mar” (2019).

Em junho de 42 as tropas alemãs avançaram em direção a Stalingrado e os soviéticos recuaram. O que se seguiu foi uma terrível guerra urbana, para a qual os alemães não estavam preparados. Lutaram por cada quadra, rua, casa. Os soviéticos que conheciam o local foram muito criativos. Os invasores estavam exaustos, sem suprimentos e sem munição. O Gen. Friedrich Paulus pediu a Hitler permissão para se render e poupar seus homens, o que lhe foi negado, pois o Führer detestava negociar em posição inferior. Pensava que deveriam resistir até o último homem e os líderes suicidar-se. Apesar disso, Paulus se rendeu, deixando Hitler furioso. Um Exército foi perdido, e estima-se que morreram aí 150 mil de seus soldados. Há um bom filme sobre esse episódio: “Stalingrado: A Batalha Final” (2013).

Todos imaginavam que o Gen. Paulus tivesse morrido no cativeiro russo, mas isso não aconteceu, e ele foi chamado como testemunha em Nuremberg. Quando entrou na sala, os réus alemães ficaram furiosos, pois o consideravam um traidor, o “Espectro de Stalingrado”. O general confirmou todas as ordens absurdas de Hitler.

O Führer não teve nenhum sinal de compaixão ou arrependimento pelas mortes e sofrimento que causava. Foi a maior derrota militar da história alemã. Foi condenado por sua insensatez e a derrota agora era certa, mesmo que demorasse a chegar.

Mas ele estava mais abalado psicologicamente, deprimido. Uma questão difícil de abordar é a da saúde mental de Hitler. Era um fanático, um desequilibrado um idealista? Se parece certo que ele tinha desequilíbrios, por outro lado, foram suas estratégias que o conduziram ao poder na Nação.

A saúde mental de Adolf Hitler é tema de intensa especulação histórica e psiquiátrica, pois ele nunca recebeu um diagnóstico formal em vida. Estudos sugerem, no entanto, que ele sofria de transtornos de personalidade (narcisista, borderline, paranoide), psicopatia, Parkinson, abuso crônico de drogas (metanfetaminas/anfetaminas) e possíveis condições genéticas, como a Síndrome de Kallmann.

Transtornos de Personalidade e Mentais: frequentemente associado a transtorno bipolar, esquizofrenia, psicopatia e psicose induzida por anfetaminas. Descrito com traços de personalidade marcados por rigidez inflexível, pedantismo e fases de depressão.

Narcisismo Extremo: pesquisadores apontam sinais claros de transtorno de personalidade narcisista, incluindo autoestima frágil mascarada por arrogância pública, além de profundas projeções de culpa e vitimismo.

Abuso de Substâncias (“Führer das Drogas”): Hitler mantinha um vício severo em um coquetel de drogas prescrito por seu médico pessoal, incluindo anfetaminas, cocaína, heroína e metanfetaminas, o que pode ter agravado traços paranoicos.

Doenças Físicas com Impacto Mental: estudos indicam fortemente que sofria de Parkinson, apresentando sintomas como tremores e rigidez, que podem ter afetado seu comportamento e estabilidade emocional.

Síndrome de Kallmann: pesquisas recentes sugerem a possibilidade de síndrome rara que afeta o desenvolvimento sexual e olfativo, potencialmente causando baixa libido e influenciando características de personalidade.

Embora a busca por diagnósticos seja comum, alguns historiadores argumentam que o foco na doença mental de Hitler pode obscurecer o fato de que pessoas “normais” em contextos específicos podem instigar violência em massa, e que o genocídio foi um ato deliberado, não apenas fruto de loucura.

O fato é que a derrota o deixou bastante deprimido. Ele já não aparecia em público. Goebbels fez um discurso ao povo em fevereiro de 43 falando de “guerra total”, o que na prática significava que todos deveriam se preparar para muitos sacrifícios e até eventualmente a morte, porque o governo não se renderia. De fato, ampliaram-se muito os bombardeios às cidades alemãs, como Colônia, Hamburgo, as da Renânia, que foram muito castigadas. A obstinação de Hitler ia custar muito caro ao povo e ao país.

Enquanto isso, o extermínio continuava. Em outubro de 43, Himmler reúne seus comandados em Posen, na Polônia para estimulá-los a continuar firmes em seu “trabalho glorioso”. Foi das poucas vezes em que uma autoridade falou abertamente da matança que ocorria, dizendo ser um “favor à Humanidade”, ainda que alguns não reconhecessem.

Desembarque de tropas: o dia D

Depois de longa preparação tropas americanas, britânicas e canadenses desembarcaram nas praias da Normandia, no noroeste da França, em 6 de junho de 1944, no chamado dia D. O comando era do Gen. Dwight Eisenhower, que depois foi presidente dos Estados Unidos. Houve pesadas baixas, mas a operação por mar e ar foi um sucesso, colocando tropas dos Aliados em território europeu, prontas para avançar sobre a Alemanha, criando uma poderosa Frente Ocidental. Hitler dormia quando se deu o desembarque, e não o acordaram. Ele subestimou o fato pois em seu sistema de ideias os americanos eram fracos, por serem uma mistura de raças. Outro grave engano. Há bons filmes sobre esse episódio: “O Resgate do Soldado Ryan” (1998), “O Mais Longo dos Dias” (1962).

Continuava na Toca do Lobo, deprimido, desorientado e algo delirante. Ao perceberem que ele levaria essa situação ao extremo com a ruína da Nação, alguns oficiais patriotas resolveram eliminá-lo, no que ficou conhecido como Operação Valquiria. Um deles era o Coronel Claus von Stauffenberg, um herói de Guerra, aristocrata, que havia perdido um olho e um braço em lutas na África. Convocado para uma reunião com o Fuhrer, em 20 de julho de 44, ele levou uma bomba em uma maleta e a colocou próxima ao alvo. Alguém a mudou de lugar e Hitler ficou machucado, mas sobreviveu. Sua reação foi furiosa e brutal e vários oficiais foram mortos. Entre eles Stauffenberg e Rommel, a quem foi oferecido cometer suicídio. Há um bom filme sobre esse episódio: “Operação Valquíria” (2008).

Ferido no atentado, a situação física e psicológica de Hitler piorou ainda mais. Estava só, não permitia ajuda de ninguém e nem confiava em ninguém, perdeu o

autocontrole, acentuaram-se os sintomas do mal de Parkinson e as tremedeiras. Perguntaram a Göring em Nuremberg se alguém além do Führer poderia terminar a Guerra e ele respondeu que não, só ele poderia fazer isso. E nessa altura, todos já sabiam que a Guerra estava perdida. Só os assessores podiam vê-lo agora, só os que diziam o que ele queria ouvir. Goebels chegou a dizer-lhe que as estrelas e os horóscopos ainda lhes eram favoráveis.

A situação no Gueto de Varsóvia era tão desesperadora que em 1 de agosto de 44, muitos de seus ocupantes pensaram que era preferível morrer lutando do que passivamente. Havia surtos de tifo e fome constante. Já tinham percebido que os trens que partiam para os Campos iam repletos, voltavam vazios e nunca transportavam alimentos. Pensaram em resistir. Juntaram umas poucas armas de fogo e travaram uma luta impossível, morrendo como heróis.

Em dezembro, contrariando a opinião de seus generais que não queriam enfraquecer a Frente Russa, Hitler decide fazer uma contraofensiva na Floresta das Ardenas, entre a Bélgica e Luxemburgo. O avanço foi rápido, mas não havia mais combustível para prosseguir e logo os tanques foram alvo fácil para a artilharia e aviação inimigas.

Chegada a Berlim

Com a retirada de tropas o avanço soviético foi mais rápido. Ao entrarem em território alemão promoviam estupros e um banho de sangue para vingar os excessos do Exército alemão na Rússia. Criou-se um pânico generalizado na população.

Albert Speer que ocupava um ministério nessa altura julgou que, pela sua amizade, poderia convencer Hitler à rendição e enviou-lhe um memorando nesse sentido. Hitler ficou furioso, chamou-o de traidor e deixou bem claro que qualquer manifestação de pessimismo seria considerada alta traição.

Em janeiro de 45, Hitler faz seu último discurso, já sem a força de outros tempos. A Nação já contava 5 milhões de soldados mortos e não havia mais homens aptos para recrutar. Convocaram idosos, adolescentes e crianças. Mais uma vez mostrava sua total incapacidade de empatia, de humanidade. Manipulava as pessoas como formigas em um formigueiro. Com o começo dos bombardeios sobre Berlim, ele sai da Chancelaria e vai para uma rede de bunkers no centro da cidade. Um local escuro, sombrio, claustrofóbico e permanece isolado e desconfiado.

Uma das que o acompanhou ao bunker foi Traudl Junge, que era sua secretária desde 1942 e aí permaneceu até o final. Suas memórias são preciosas para reconstruir esses momentos. Ele nunca visitou família alguma que tivesse sido bombardeada, como faziam outros governantes. Havia claramente um estresse no ar e suas mãos e braços tremiam pela doença. Estava fraco e apático. Tinha uma última esperança de que os Aliados se desentendessem o que ruiu com a Conferência de Yalta em fevereiro de 45, entre Churchill, Roosevelt e Stalin.

Nesse mesmo mês deu-se o bombardeio de Dresden, uma linda cidade barroca alemã, que foi totalmente destruída, causando milhares de mortos civis. Não havia nenhuma razão militar para essa ação, a não ser vingança e para causar terror.

Últimos momentos

Todos no Bunker sabiam que o fim estava próximo. Hitler não queria que Eva Braun viesse a Berlim e lhe disse para ficar na Baviera. Mas ela veio, e ele ficou contente.

Em seu avanço, as tropas britânicas encontram o Campo de Bergen-Belsen em abril de 1945, um dos episódios mais marcantes da descoberta das atrocidades nazistas. Embora os soviéticos tivessem libertado Auschwitz em janeiro, o que os britânicos viram no norte da Alemanha foram cenários de horrores indescritíveis que chocaram o mundo.

Em 12 de abril falece o presidente Roosevelt e Hitler tem um entusiasmo passageiro, pois logo começa a batalha em Berlim. Himmler tenta convencê-lo a deixar o bunker, o que ele recusa. Goebels, ao contrário, vem com sua esposa e seis filhos para o abrigo.

Com as tropas aliadas avançando, americanos e russos se encontram em Leipzig e outros locais da Alemanha. Há abraços e confraternização, em um clima que não resistiria ao tempo.

Em 22 de abril Hitler ofende seus comandantes aos gritos, algo extremo mesmo para seus padrões. Himmler e Göring pensam que ele vai renunciar e se preparam para assumir. Göring chega a enviar um telegrama ao Führer oferecendo-se para ocupar seu lugar. Este considera isso como um ato de alta traição. Himmler, que Hitler considerava ter uma lealdade inquebrantável, jurou que não sairia de Berlim, mas logo o fez e tentou negociar com os aliados para ser o líder após a queda do governo. Não deu certo, ele tentou fugir, foi preso e cometeu suicídio.

Depois de celebrar seu aniversário no dia 20, de forma melancólica, Hitler chamou Traudl para ditar dois documentos no dia 29, que seriam seus testamentos particular e político. Esta esperava alguma revelação mas percebeu que se tratava apenas das velhas frases de sempre, mais uma vez repetidas. Nesse dia ele teve a notícia de que Mussolini e sua amante Clara tinham sido mortos e ultrajados em público, e decidiu que isso não aconteceria com ele.

Nesse mesmo dia ele se casa com Eva, para dar-lhe oficialmente a condição de sua esposa. Traudl relata o constrangimento no momento de cumprimentar a noiva, e a falta de palavras para essa situação. Chama-a de senhora, e Eva complementa com certo orgulho “Sra. Hitler”.

No dia 30 Hitler dá uma cápsula de cianeto a seu cão Blondi e a seguir outra para Eva. Para si reserva a morte mais adequada para um soldado e atira contra si mesmo. Goebels distribui cápsulas para os seus. Seguindo instruções do Führer soldados da SS levam seu corpo e o de Eva para fora, reúnem a gasolina que puderam

encontrar e queimam seus despojos. Há um bom filme sobre esse episódio: “A Queda! As Últimas Horas de Hitler” (2004).

A rendição incondicional da Alemanha nazista na Segunda Guerra Mundial foi assinada pelo General Alfred Jodl na madrugada de 7 de maio de 1945, em Reims, na França.

A Guerra durou ainda alguns meses no Pacífico. As bombas atômicas destruíram as cidades de Hiroshima e Nagasaki em 6 e 9 de agosto. A rendição japonesa ocorreu em 2 de setembro de 1945, a bordo do USS Missouri na Baía de Tóquio, formalizando o fim do conflito global.

O Tribunal de Nuremberg

Ao final da Guerra os Aliados tinham uma questão: o que fazer com os criminosos nazistas presos? Decidiram criar um Tribunal, com juízes e promotores dos países vencedores (Estados Unidos, Grã-Bretanha, França e União Soviética) e advogados escolhidos pelos réus, alemães e austríacos. Escolheram a cidade de Nuremberg, na Baviera, pelo significado que tinha para os nazistas e por ter, no meio de tanta destruição, um tribunal em pé. Os réus tiveram quatro acusações: crimes de conspiração, contra a paz, de guerra e contra a Humanidade.

O lado positivo foi oferecer um julgamento formal, com base em provas, com direito de defesa. Estabeleceu precedentes fundamentais para o Direito Internacional e Direitos Humanos. Apesar das críticas, legitimou o princípio da responsabilidade penal individual, definiu crimes contra a humanidade e influenciou a criação do Tribunal de Tóquio e o atual Tribunal Penal Internacional (TPI). O Tribunal foi um marco jurídico que permitiu julgar atrocidades sem precedentes, valorizando o Direito Internacional, mas sob a ótica de um elemento criado para uma situação excepcional.

As críticas foram estabelecer um tribunal após os fatos, para julgar crimes que não tinham previsão legal específica na época. Composto por juízes de alguns países, foi considerado parcial, sendo chamado de “justiça dos vencedores”.

Os nazistas não costumavam emitir papéis sobre seus mandatos mais polêmicos, mas ao final da Guerra os Aliados conseguiram obter muitos documentos, que revelavam as ideias e planos dos líderes do Partido e do Governo, que foram úteis no julgamento. Entre outros foram encontrados diários de Hans Franck, indicando as atrocidades que eram cometidas e o Memorando Hossbach.

O primeiro Julgamento durou de novembro de 1945 a outubro de 1946. Julgou 22 réus, dos quais 3 foram absolvidos e 12 condenados à morte por enforcamento. Nenhum deles demonstrou qualquer sinal de arrependimento.

A linha de defesa de muitos foi dizer que cumpriam ordens e, portanto, não eram responsáveis pelos atos. Como os atos praticados eram gravíssimos essa defesa não foi aceita. É curioso ver como esse pensamento continua atual, guardadas as proporções. Em meio às intervenções do ICE nos Estados Unidos, que resultaram na morte de dois

americanos, a Secretária de Segurança Interna, Kristi Noem, acusou as vítimas de serem terroristas. Quando a situação se inverteu e ficou claro que não o eram, ela declarou em janeiro de 2025: “Tudo o que fiz foi sob a direção do presidente e de Stephen Miller”.

O principal líder presente era Hermann Göring que, ao que parece, tentou influenciar os demais a manterem seu orgulho pelo que haviam feito. Foi condenado à morte mas achava indigno ser enforcado, conseguiu uma cápsula de veneno e cometeu suicídio. Acharam positivo da parte de Albert Speer tentar convencer Hitler a terminar a guerra, e com isso, apesar de condenado, ele não foi preso. Há bons filmes sobre esse episódio: “Julgamento em Nuremberg” (1961), “O Julgamento de Nuremberg” (2000), “Nuremberg” (2025).

Passado algum tempo do fim da Guerra os ventos foram mudando e os papéis se invertendo. A União Soviética se lançou sobre a Europa com o que Churchill chamou de “Cortina de Ferro”. Os inimigos agora eram outros e alguns nazistas remanescentes, e sem grande expressão, acabaram trabalhando para os americanos, e sendo poupados nesse novo cenário.